

NATALIE C. PARKER

Nunca subestimes uma mulher.
Especialmente se for uma pirata.



SEAFIRE

TOP
SEL
LER
#BLISS

«A aventura mais aguardada do ano!»

Entertainment Weekly

As irmãs lutam entre si,
umas pelas outras,
e lado a lado.

Eu tenho a sorte de ter uma irmã como tu, Rosie.

ANTES



Caledonia espreguiçou-se ao longo da proa do *Fantasma* à medida que o barco rasgava as águas negras. À noite, o oceano oferecia apenas o reflexo escuro do céu lá em cima e a promessa de uma sepultura gelada por baixo.

A mãe, Rhona, agachou-se perto dela, com uma espingarda equilibrada nos joelhos, perscrutando a estrada de mar que se estendia à sua frente.

— O nosso caminho está impedido. Consegues ver? — perguntou.

Caledonia observou os redemoinhos na água, procurando os sinais que indicavam a presença de rochedos, de um barco afundado, de vórtices invulgares ou de ondas subitamente crespadas. Rhona era sempre a primeira a vê-los, mas Caledonia melhorava a olhos vistos.

— Sim, rochedos — disse ela, e sem esperar por permissão, virou-se e gritou para o pai, que controlava o barco na ponte: — Três graus para bombordo!

O *Fantasma* virou para sul, para evitar o perigo aguçado. De cada um dos lados, o contorno familiar de pequenas ilhas ergueu-se em redor do barco. Estavam nas águas de Boca de Osso, um arquipélago de ilhas e protruções rochosas que ofereciam santuário pouco sólido a quem fosse suficientemente corajoso para as navegar. Eram traiçoeiras

durante o dia e quase impenetráveis durante a noite; só a mãe de Caledonia, Rhona Styx, Capitã do *Fantasma*, as conseguia atravessar. Sob o seu comando, navegavam tão suavemente como se estivessem num mar largo e desimpedido.

Rhona gostava de recordar à filha que uns anos antes não precisariam de recorrer a estas manobras furtivas. Quando Rhona era nova, navegara desde as correntes mais frias a norte, para lá das Ilhas Rochosas e até Boca de Osso, sem se cruzar com outros perigos que não uma ocasional tempestade. Depois, tão gradualmente que quase ninguém se apercebera até ser demasiado tarde, um homem chamado Aric Athair reunira uma frota de barcos armados e blindados para pilhar e matar. A sua frota de barcos Bala prolongava-se numa corrente violenta por toda a extensão do único caminho de entrada e saída destas vastas águas. Qualquer pessoa que estivesse no lado errado da sua infame Rede acabava por dar por si sob a sua opressão.

Agora, depois de anos a evitar Aric Athair e os seus Balas, e enfrentando uma escassez de recursos, Rhona decidira que era chegada a altura de o seu pequeno bando tentar furar a Rede. Procuraram durante muitos meses a melhor forma de o fazerem. Examinaram os barcos Bala à distância e determinaram que o ponto mais fraco era o cabo de Boca de Osso, onde até os barcos de Aric detestavam navegar. O *Fantasma* conseguia chegar lá, mas primeiro precisavam de comida — frutas frescas, frutos secos e carne, se a conseguissem arranjar — para poderem encher os porões e preparar-se para as águas desconhecidas.

Esta noite iam reunir mantimentos. Mas, amanhã, fugiriam pela última vez.

— Tu e o teu irmão preparem-se para a corrida para a costa. — O cabelo vermelho de Rhona esvoaçava, fustigado pelo vento.

Um pequeno arrepio percorreu a espinha de Caledonia. Desde os 6 anos que ansiava pela responsabilidade de fazer as corridas para a costa. Mas só no último ano a mãe acedera e lhe atribuíra a tarefa. Contudo, por muito que Caledonia apreciasse a confiança que a mãe depositava em si nestas ocasiões, sabia que o irmão mais novo detestava aquelas longas e sombrias viagens para a costa. Ia passar a noite inteira aterrorizado por estar longe da segurança do barco.

— Mãe, deixa-me levar a Pisces. — Caledonia levantou-se e seguiu a mãe. — Nós fazemos uma boa equipa. Além disso, o Donnally é demasiado novo para fazer corridas até à costa. Ele só tem 12 voltas, bem sabes.

Rhona soltou a sua gargalhada sombria.

— E aprendeste isso tudo através da tua vasta experiência?

Caledonia imaginou os olhos de Donnally semicerrados com o medo, a boca comprimida numa estoica linha enquanto se debatia para não desiludir a mãe.

— Aprendi — respondeu.

— Cala, a única forma de o teu irmão aprender é estando ao teu lado — disse Rhona com um suspiro, mas a sua voz não tinha um tom combativo.

Mãe e filha foram até à ponte, depois desceram à vez a escada que dava acesso ao convés inferior. Mesmo em noites sem luar, movimentavam-se com facilidade por todo o *Fantasma*. O barco tornara-se num refúgio para famílias que procuravam fugir ao domínio de Aric. À medida que o número de famílias aumentava, cada centímetro do barco foi sendo transformado para cumprir uma enorme variedade de necessidades. Os mastros continham as velas e as cordas para secar roupa, a galé todos os dias se transformava de refeitório em camarata de beliches, até o convés alojava vários canteiros e dois redis para as cabras. Embora àquela hora ainda estivesse mais de uma dúzia de homens e mulheres a pé, a maior parte da tripulação estava a dormir nas pequenas cabinas abaixo. Havia sempre vigias de serviço posicionados na popa e na proa, assim como no cesto da gávea, mas aqui em Boca de Osso, o *Fantasma* nunca se cruzara com um dos barcos Bala de Aric, pelo menos não durante a noite. Os Bala eram vis e destemidos, mas a maior parte não possuía as capacidades de navegação de Rhona.

Caledonia observou o irmão agachado atrás de um dos quatro mastros principais que se erguiam na linha central do barco; tinha um casaco demasiado grande vestido, que o rodeava como uma enorme nuvem cinzenta. Tinha o cabelo negro como o pai e a pele clara como a mãe, e o nariz arrebitava-se numa pequena curva, dando-lhe um permanente ar de surpresa.

Por baixo dos seus caracóis, espreitavam as linhas da tatuagem de uma flecha de ponta romba meio preenchida com tinta preta. Caledonia tinha uma tatuagem exatamente igual na têmpora. Era um costume no *Fantasma* que os pais marcassem os seus filhos com símbolos únicos, para o caso de serem capturados. Aquelas marcas dariam às crianças a possibilidade de um dia mais tarde conseguirem encontrar os seus familiares.

— Levo-o para a próxima. — A culpa roeu Caledonia. A sua mãe tinha razão. A única maneira de preparar Donnally para o mundo era levá-lo a enfrentá-lo, mas por vezes temia pelo irmão mais pequeno. O brilho suave dos olhos da mãe dizia-lhe que ela sentia o mesmo.

— Donnally! — chamou Rhona. — Levanta os olhos, filho!

Donnally assustou-se, levantando-se de um salto antes de ver a mãe e a irmã. Atravessou o convés a um passo arrastado e relutante, com o cabelo escuro a cair-lhe sobre os olhos. Controlou as feições quando perguntou:

— Corrida para a costa? — Mas a nota de tensão na sua voz denunciou-o.

— Sim, mas não para ti. A Cala vai levar a Pi, o que significa que quero que tu e o Ares fiquem de vigia. Entendido? — Rhona apontou para o cesto da gávea.

Donnally assentiu avidamente com a cabeça.

— Claro, entendido — respondeu, dirigindo um sorriso agradecido a Caledonia.

Rhona puxou a filha para os seus braços, deu-lhe um beijo na cabeça e disse:

— Faz o que tens a fazer.

— E regressa para o barco — completou Caledonia.

Quando largaram âncora perto de uma ilha a que chamavam Gem, Caledonia e Pisces tinham tudo pronto e estavam preparadas para partir. Entraram a bordo do barco a remos preso contra o casco do *Fantasma* e desceram-no até à água, como já tinham feito dezenas de vezes.

Com remadas rápidas, percorreram a distância entre o barco e a ilha. Nos últimos tempos, Pisces tinha crescido vários centímetros. Era mais alta do que o irmão mais novo, Ares, e já ultrapassara

Caledonia; e a sua altura parecia deixá-la mais destemida. Os seus ombros eram largos e fortes, a pele tinha um caloroso tom castanho-pálido, e usava o cabelo preso em quatro tranças compridas. Enquanto remavam, os olhos encheram-se de entusiasmo, focados na ilha e na sua abundância, enquanto Caledonia mantinha um olho fixo nas águas negras.

— Está tudo demasiado sossegado, Pi. Não gosto nada disto — disse Caledonia.

Pisces inspirou profundamente e ofereceu um sorriso imediato à amiga.

— É pacífico, como estar na água a uma profundidade tão grande que não consegues ver a superfície.

— Isso chama-se afogamento. E só tu poderias achá-lo pacífico.

Pisces riu-se baixinho, para evitar perturbar ainda mais Caledonia.

Juntas, ancoraram o barco numa enseada protegida, prendendo-o a um conjunto de arbustos. As raparigas separaram-se para despacharem o trabalho mais depressa, combinando encontrar-se na enseada quando os sacos estivessem cheios.

O caminho até à costa era estreito, o mar estava tão negro como o céu noturno, e quase tão plano. Caledonia avançou ao longo da arborizada costa rochosa, guardando cocos caídos, cachos de bananas e jacas nos sacos de lona que levava sobre os ombros. Havia frutos suficientes para poder escolher os melhores, embora quantos mais apanhasse, mais tempo conseguiriam navegar sem parar. Ninguém sabia o que esperar assim que passassem para lá da Rede. Podiam precisar de navegar durante dias ou meses, e tinham de estar preparados para todas as possibilidades. Outrora, as pessoas diziam que para lá da Rede se encontravam mares abertos e cidades onde as crianças não eram obrigadas a servir um tirano, mas Caledonia tinha dificuldade em imaginar um mundo assim.

A maré estava baixa e as ondas arrastavam-se lentamente, borbulhando e sibilando enquanto avançavam e recuavam. Atrás de si, a areia brilhava com as conchas iridescentes dos caranguejos e as carapaças escorregadias das medusas. Da densa floresta vinham os ruídos dos insetos e das rãs das árvores. Afinal, talvez conseguisse regressar ao barco com carne.

De repente, ouviu atrás de si passos apressados e pesados.

O coração de Caledonia sobressaltou-se e as mãos atrapalharam-se com os cordéis do saco; esgueirou-se instintivamente para trás de uma densa trepadeira. Não tinham visto nenhum outro barco durante muitas milhas. Aqueles passos deviam ser de Pisces. Tinham de ser.

Ainda assim, a cadência dos passos não parecia condizer com a imagem da amiga a correr, com as tranças compridas a voar atrás de si.

Mesmo longe do *Fantasma*, as suas regras continuavam a valer. Regra número um: *Nunca ser visto*. Caledonia acalmou a respiração, ajustou os pés e desemaranhou-se do saco cheio de fruta. Tinha de estar pronta para fugir. Tinha de estar pronta para lutar.

Os passos tornaram-se cada vez mais sonoros e lentos e um vulto negro apareceu: alto, musculado, masculino. Em vez de passar a correr, como Caledonia esperava que fizesse, o rapaz parou a poucos metros do seu esconderijo. A pele dele era bronzeada e estava coberta de suor, o colete e calças cheios de armas e munições. No bíceps tinha uma marca que consistia numa única linha cicatrizada, que até no escuro brilhava num tom cor de laranja vivo, saturada com o Sedi-mento no seu sangue. Era um Bala, um dos soldados do exército de Aric Athair.

Aric recrutava crianças, destruindo famílias para construir o seu império. As famílias rebeldes como a de Caledonia preferiram fugir para o mar em vez de ver os seus filhos roubados e transformados em soldados. Mas como eram fugitivos, se alguma vez fossem capturados, ninguém seria poupado. Nem mesmo as crianças. As pessoas preferiam oferecer os filhos como pagamento quando percebiam que a única alternativa era a morte para todos.

Este Bala não devia ser muito mais velho do que Caledonia, teria 17 anos no máximo, mas a marca no seu braço significava que já matara ao serviço de Aric.

Cheirou o sal no suor dele, o aroma áspero e azedo da pólvora, e algo doce que não soube identificar. Caledonia estremeceu.

O rapaz não olhou para ela, nem parecia ter-se apercebido de que estava agachada tão próxima dele, com os dedos a aproximarem-se da pistola que levava no coldre. Em vez disso, começou a fazer exatamente o que ela estivera a fazer. Baixou-se e recolheu fruta.

Ela nunca tinha visto um Bala assim tão próximo; os pais esforçavam-se ao máximo para manter o *Fantasma* tão longe da frota de Aric quanto lhes era possível. Ao longo dos anos, deixaram para trás dúzias de barcos Bala e recolheram outras tantas famílias de outros barcos e colónias isoladas, mantendo-se sempre ocultos.

Regra número dois: *Dispara primeiro*.

Caledonia tinha a pistola na mão, o dedo em volta do gatilho. Quando o rapaz se virou de costas para inspecionar um coco, ela tinha a vantagem perfeita. Precisaria apenas de uma bala.

Ergueu a pistola e saiu silenciosamente do seu esconderijo.

O rapaz parou de imediato, largando o coco quando levantou as mãos no ar.

— Quem quer que sejas, tens-me à tua mercê — disse ele.

Caledonia não respondeu; sentia a garganta comprimida enquanto ponderava premir o gatilho.

— Fará alguma diferença se te pedir para não disparares? — perguntou o rapaz, com o rosto virado para a frente e os olhos no oceano. — Se implorar por misericórdia?

— Matar-te seria o verdadeiro ato de misericórdia — disse Caledonia ao Bala.

— Talvez sim — respondeu ele, com a voz lamentosa e resignada. — Mas se me vais matar, deixas-me pelo menos ver o teu rosto?

A pulsação de Caledonia acelerou. Não havia tempo para estas coisas. Onde havia um Bala, havia uma dúzia deles ou mais. Precisava de encontrar a Pisces e voltar ao barco, e precisava de o fazer agora. *Dispara*, incitou a voz da mãe, mas esta era uma regra que Caledonia nunca tivera de seguir.

Pressentindo a sua hesitação, o rapaz virou-se nos joelhos e olhou para ela. As mãos continuaram erguidas no ar, mas agora estava a observá-la.

Assustada, Caledonia deu involuntariamente um passo atrás.

— Mexes-te novamente e disparo. — Levantou a pistola e apontou à cabeça dele.

Ele assentiu, com os olhos pálidos como estrelas a fitarem o cano da pistola. Tinha um rosto comprido, com um maxilar tão aguçado que podia ele mesmo ser uma arma. O cabelo era louro, grosso com

o sal e o vento do mar, e caía-lhe sobre a testa como uma coroa. Uma das orelhas espetava-se um pouco mais do que a outra, mas o efeito era encantador. Caledonia contou duas pistolas presas a cada uma das coxas, o que provavelmente queria dizer que havia pelo menos mais duas que não conseguia ver. Por enquanto era ela quem detinha o poder, mas sabia como isso podia mudar rapidamente.

— Pelo menos, se morrer, será pelas mãos de alguém adorável. — Os olhos dele percorreram lentamente o rosto dela.

O rubor surgiu nas faces de Caledonia.

— Onde está a tua tripulação? O teu barco?

— Eu... Posso apontar? — Quando ela assentiu com a cabeça, ele apontou para a direção de onde viera. — O barco está ancorado na extremidade norte da ilha. Parámos para arranjar comida.

— Só um barco? — perguntou Caledonia.

— Só um barco — respondeu ele. — Vamos a caminho da Rede e atracámos aqui para passar a noite. A lua não está boa para navegar.

Ele podia estar a mentir — provavelmente estava a mentir — mas como estavam tão longe do Coldre também podia ser verdade. Era possível sobreviver a um barco ancorado no lado oposto da ilha, desde que ela e Pisces regressassem depressa ao *Fantasma*.

Só que alguma coisa tinha de ser feita em relação a este Bala.

— Como é que te chamas? — perguntou.

O rapaz pareceu encolher com o peso desta pergunta.

— O que importa o meu nome se me vais matar?

— Não importa. — O dedo de Caledonia encontrou novamente o gatilho e novamente ficou lá parado.

Um sorriso triste contorceu os lábios dele.

— Lir. Chamo-me Lir. E acho que serás a última pessoa a saber isso.

Ele estava tão preparado para morrer, e era tão jovem. Seria suficientemente jovem para poder ser salvo? Diziam que não demorava muito até as crianças que Aric levava cederem ao sonho febril do Sedimento. O vício tornava os Balas leais e malignos. Mas também diziam que um encontro com um Bala acabava sempre de uma de duas maneiras: ou ele morria, ou morríamos nós.

Dispara, minha menina corajosa, ouvia a voz da mãe a murmurar.

— Eu... lamento — disse ela, preparando-se para disparar. Os seus dedos estremeçeram.

Os olhos dele arregalaram-se então, as mãos quietas e abertas no ar.

— Por favor — disse —, por favor, concede-me a misericórdia que o Pai jamais concede. Leva-me contigo. Seja qual for a tua vida, tem de ser melhor do que aquela que ele nos obriga a viver. Por favor, ajuda-me.

Era exatamente por isto que a regra era *Dispara primeiro* e não *Dispara assim que possível* ou *Dispara quando te sentires preparada*. Mas ela quebrara a regra e agora ele não era um Bala, era Lir.

Lir, que queria desesperadamente uma outra vida.

Lir, que não lhe tinha feito mal.

Lir, que podia ser irmão de alguém.

Se fosse Donnally noutra praia qualquer, com uma rapariga a apontar-lhe uma arma à cabeça, não queria Caledonia que essa rapariga o ajudasse?

— Levanta-te — disse ela, baixando a arma e apontando-a ao peito dele.

Lir obedeceu, e a expressão no seu rosto suavizou-se quando Caledonia se aproximou e lhe tirou as seis pistolas e duas facas dos coldres das coxas, tornozelos e costas. Ao perto, cheirava ainda mais às munições que trazia, mas com uma pitada de outro cheiro demasiado adocicado. Manteve as mãos levantadas enquanto ela trabalhava, com os olhos a marcar cada sítio em que Caledonia lhe tocava.

— Por favor — repetiu. — Nunca mais vou voltar a ter uma oportunidade como esta. Ajuda-me, por favor.

O mar apressava-se até eles e depois recuava, as ondas cada vez mais rápidas à medida que a maré enchia. Era a mesma maré que levaria todas as famílias a bordo do *Fantasma* para longe daquela vida terrível que transformava crianças em guerreiros, que fazia com que Lir estivesse a implorar pela sua vida numa praia deserta no meio de uma noite sem luar. Ela *podia* ajudá-lo. E queria fazê-lo, mas ia contra tudo o que a mãe sempre lhe ensinara.

Abanando a cabeça, Caledonia pressionou a boca da pistola contra o peito de Lir.

O desespero transpareceu na curva trémula dos lábios dele.

— Como é que te chamas?

Não era segredo nenhum, mas ela franziu o sobrolho, recusando-se a entregar o seu nome.

O sorriso dele tornou-se lamentoso.

— E se te chamar Flor de Feno? Parece-me adequado. — Os olhos dele levantaram-se para observar o contorno do cabelo dela. O sorriso que surgiu nos seus próprios lábios surpreendeu Caledonia. Não era a primeira vez que o seu cabelo era comparado ao tom alaranjado do feno, mas era a primeira vez que a comparação lhe parecia um elogio.

— Chama-me o que quiseres — respondeu. — Mesmo assim não te vou dizer o meu nome.

— Não confias em mim. Não tens motivo nenhum para confiar, claro, mas vou mostrar-te por que motivo podes fazê-lo.

O dedo de Caledonia apertou-se contra o gatilho enquanto ele levava uma mão ao interior do colete e tirava um punhal que ela deixara escapar. A pega era suficientemente pequena para caber na mão dele, enquanto a lâmina negra sobressaia entre os dois dedos do meio. Segurou-o pela lâmina e estendeu-o na curta distância que os separava.

Ela agarrou-o rapidamente, reparando como o corpo dele aquecera o metal, e entalou o punhal no cinto.

— Serve para ganhar a tua confiança, Flor de Feno?

Caledonia desejou desesperadamente ter a sabedoria da mãe. Rhona saberia o que fazer numa situação como esta. Saberia como fazer o mais acertado, mesmo que fosse perigoso.

Mas Caledonia só podia contar consigo.

— Ninguém confia num Bala — respondeu. — Mas talvez eu possa ajudar-te.

— Vais levar-me para a tua tripulação? — Lir sorriu com tristeza, parecendo saber a resposta mesmo antes de Caledonia lhe dar.

Regra número três: *Nunca revelar o barco.*

— Não — disse ela, determinada. — Mas não te vou matar.

Ele assentiu com a cabeça, a bravura do seu rosto ensombrada por desilusão. Mesmo na escuridão da noite, ela via que o seu queixo estava cheio de sujidade e cicatrizes antigas. Os olhos brilhavam debilmente

e a boca estava comprimida numa linha tensa. A centelha de esperança que Caledonia vira há instantes fora varrida pela resignação.

Quando falou, a voz de Lir era vazia, oca:

— Devias ir embora. Volta para o teu barco e sai daqui. Vou esconder-me ou vou morrer, mas faço-o sob o meu próprio estandarte.

Ela olhou de relance na direção do *Fantasma*, desejando que fosse simples levar Lir com ela.

Ele seguiu o olhar dela, e enquanto Caledonia o observava, Lir ficou tão estável e firme como a pistola que ela tinha na mão.

— Sabes como chamamos a esta lua?

— Esta noite não há lua — respondeu Caledonia.

— Chama-se Lua Nascente — disse ele depois de um instante em silêncio, já sem sinais de triste resignação. — Porque é uma altura de crescimento e plena de potencial. Uma promessa das coisas que estão por vir.

Tocou-lhe no rosto e Caledonia arquejou, baixando o braço. Sentiu a mão dele deslizar no seu cabelo, sentiu a pontada deliciosa de calor que se seguia à passagem dos dedos dele.

— É a lua dos inícios e dos fins. — A voz dele encontrou um tom malicioso.

Demasiado tarde, percebeu que se deixara escapar um punhal, podia ter deixado escapar outro.

Os dedos dele apertaram-se sobre o seu cabelo. Um sorriso satisfeito apareceu-lhe nos lábios.

E a lâmina enterrou-se na barriga dela.

Lir agarrou-lhe na nuca, e enquanto sangue quente se espalhava pelo seu estômago, segurou-a junto a si. Os joelhos de Caledonia cederam e a pistola caiu ao chão com um baque surdo.

— Muito obrigado pela misericórdia, Flor de Feno — murmurou ele, pousando-a na areia quase com meiguice. O seu corpo ardia com uma dor nauseante. — E obrigado pelo barco.

Caledonia gritou, lutando para se manter consciente. Se a ouvissem talvez conseguissem fugir. Agarrou-se ao golpe e sentiu areia no rosto, áspera contra os lábios. Sabia que também havia dor, mas apenas sentia pânico. Tinha de se levantar, de encontrar Pisces, de avisar o barco. Voltou a gritar.

Passos. Desta vez sabia que eram os de Lir, enquanto se afastava em direção ao barco dos Balas que em breve encontraria a sua família. Arrastou-se pela areia e agarrou na pistola, disparando três vezes. Ainda estava escuro como breu, mas julgou vê-lo vacilar.

Mesmo que aquelas três balas tivessem falhado o alvo, toda a gente que estivesse perto da ilha teria ouvido os tiros. A família seria avisada. Podiam fugir, e se seguissem as regras, era o que fariam.

A náusea que sentia transformou-se numa dormência estranha. Apercebeu-se então de que a lâmina ainda estava enterrada na sua barriga. Era um presente de despedida, e aquele que talvez a viesse a salvar. Segurando o punhal no sítio para deter a hemorragia, levantou-se lentamente e começou a caminhar, hesitante, em direção à enseada e ao barco a remos. O único pensamento era assegurar-se de que o *Fantasma* seguia o seu caminho em segurança.

— Cala! — Pisces apareceu de repente por entre as árvores, com as tranças compridas a balançar à sua volta como cordas. — Oh, pelos espíritos, Cala!

— Balas. — Caledonia mal conseguiu pronunciar a palavra antes de voltar a cair de joelhos. — Temos de nos apressar.

Pisces assentiu sombriamente e rasgou uma tira comprida da sua camisa. A dor foi ainda maior quando a lâmina saiu. Pisces trabalhou depressa, comprimindo o golpe antes de colocar a cabeça por baixo do braço de Caledonia, levantando a amiga.

Juntas, as raparigas cambalearam pela floresta, percorrendo o caminho mais curto até ao local onde o pequeno barco as esperava. Caledonia ainda tentou correr, mas a cada passo as suas pernas ficavam mais fracas, a respiração mais breve. A barriga ardia-lhe quando se mexia. Os espinhos das plantas cravavam-se nas suas pernas e braços, deixando rastos de sangue sobre a pele. As trepadeiras cerradas dificultavam ainda mais o progresso. Antes de o mar voltar a aparecer por entre as árvores, o som de disparos rasgou o ar da noite.

Nenhuma das raparigas falou até estarem de regresso à enseada. O barco que usaram para vir a terra ainda lá estava, a ondular ao sabor da maré que enchia. Mas agora, lá ao fundo, em direção ao local onde o barco das suas famílias lançara âncora, ia um barco Bala, incandescente de luz.

Era um barco de assalto com uma proa aguçada e sulcos ao longo do casco, onde os Balas aguardavam com bombas magnéticas. O *Fantasma* tentou levantar âncora e ganhar velocidade, mas o barco de assalto já estava em cima dele. As bombas pairaram sobre o canal de água cada vez mais estreito que os separava. Um *boom* troou no ar quando os mísseis explodiram contra o *Fantasma*, dilacerando o barco e arrancando o fôlego dos pulmões de Caledonia.

As chamas escaparam-se de um buraco na lateral do casco. Era tudo o que as raparigas tinham aprendido a temer, a evitar, tudo aquilo de que os seus pais dedicaram a vida a protegê-las. E Caledonia fizera com que a destruição se abatesse sobre eles.

Gritos tomaram o lugar dos tiros. Caledonia atirou-se para a frente, ultrapassando a dor e entrando na água rasa. Deu um passo, determinada a nadar, mas o corpo falhou-lhe e soltou um grito de derrota. Os pés enterraram-se na areia, o sal queimava-lhe a barriga, e Pisces segurava-lhe nos ombros, para a puxar de regresso à praia.

— Caledonia, não! — gritou.

As duas raparigas não podiam fazer nada senão observar. Ninguém seria poupado.

Durou menos de 15 minutos.

O sol avançou sobre o céu. Os gritos e os tiros desvaneceram-se.

Depois os Balas dedicaram-se ao terrível trabalho de arrastar os mortos para o seu barco e erguer os corpos nos espetos de metal que contornavam a balaustrada.

Um dos corpos, espetado mesmo na proa do barco Bala, usava um casaco grande que se enfunava no ar como uma nuvem cinzenta. Os pés balançavam com o vento, e Caledonia sufocou perante a memória de Donnally, que deixara a bordo do *Fantasma* poucas horas antes.

Caledonia estremeceu no ar morno. O sangue escorria-lhe pelo corpo, mas a dor na barriga não era nada comparada com a dor que lhe dilacerava o peito.

— Como? — murmurou Pisces.

Caledonia deixou-se cair de joelhos. Abanou a cabeça, sem conseguir confessar a verdade à amiga. Tinha falhado a toda a família; não podia fazer o mesmo com Pisces. Por isso enterrou a verdade no seu âmago, por baixo da dor, da culpa e da raiva.

— O que fazemos agora? — perguntou Pisces, o rosto castanho iluminado pelas lágrimas. — Cala, o que fazemos agora?

Caledonia fixou os olhos no barco Bala; nos ouvidos ecoavam os gritos finais da sua família. O fogo refletia-se furioso sobre a superfície negra do mar. Apesar de tanta escuridão, o mar falhara em manter a sua família um segredo. Mas ela também. O seu coração endureceu com a memória de Lir. Ele pegara na misericórdia que lhe concedera e transformara-a em fogo. Agora, só restavam ela e Pisces.

Pegando na mão fria da amiga com a sua cheia de sangue, deu-lhe a única resposta que conseguiu encontrar:

— Não sei.

CAPÍTULO 1



Quatro anos depois

Mesmo antes de amanhecer, Caledonia subiu pelo cordame à ré do seu barco. As cordas ásperas roçavam nas palmas das mãos cheias de calos enquanto subia os 15 metros até ao mastro da mezena, confiante e segura, com as mãos e pés a voarem cada vez mais velozes, desafiando o sol a ganhar a corrida até ao topo.

O céu encheu-se com o azul brilhante e brumoso da alvorada e Caledonia subiu ainda mais depressa, apreciando o primeiro beijo de suor na pele. Mal tinha chegado ao poleiro escolhido quando gritou para a tripulação de raparigas que aguardava no convés:

— Puxar!

Vozes ansiosas repetiram o comando e quatro pares de mãos fortes pegaram nas cordas e puxaram. As roldanas guincharam e giraram ao longo do mastro; Caledonia manteve os olhos fixos no arpão que se encaminhava na sua direção.

— Travar! — gritou quando o arpão chegou à altura do seu peito. Presa nele vinha a preciosa vela solar; centenas de escamas pretas e brilhantes concebidas para absorver a energia solar e alimentar os motores.

Lá em baixo, as raparigas começaram a prender as cordas enquanto Caledonia se mexia, equilibrando-se em cima da trave. O vento

matutino que soprava tão gentil no convés era tonificante ali em cima, e proporcionava uma tensão constante que serpenteava no seu estômago. Com uma mão agarrada às cordas, esticou-se para recuperar o gancho e prender o cabo no seu lugar.

O horizonte ardia agora em tons de amarelo, e a aproximação do sol trouxe um sorriso aos lábios de Caledonia. Em baixo, via Amina empoleirada na balaustrada a estibordo, observando-a com um olhar astuto. Não era necessário que fosse a capitã a prender a vela. Cada rapariga dos Nós de Amina podia fazer o mesmo que Caledonia, mas este momento era único a bordo do *Mors Navis*, e Caledonia ansiava pela sensação de ter o mundo aos seus pés.

— Virar para bombordo! — gritou.

A vela virou-se em direção ao nascer do sol no preciso instante em que os primeiros raios gentis deslizaram pela superfície do oceano. Apenas por um instante, a luz trepou pelo casco para tingir as raparigas com os seus tons mais garridos, e a seguir chegou às escamas negras da vela solar.

Era como fogo.

A luz refletiu-se em simultâneo nas cem escamas e produziu vibrantes tons amarelos, cor de laranja e cor-de-rosa; uma verdadeira cascata de brilho momentâneo subiu a vela enquanto o sol se erguia no céu. E no cimo de tudo estava Caledonia. O vento puxava-lhe as mangas e o cabelo, a luz banhava-a dos pés à cabeça, e sentia-se tão viva como o barco por baixo de si. Sentia-se poderosa e cheia de energia.

Durou apenas um instante, e a seguir o ofuscante fogo da manhã desapareceu.

A luz do sol brilhava calmamente sobre a vela, criando energia para alimentar todos os sistemas do barco outrora conhecido como *Fantasma*. Restaurado e rebatizado como *Mors Navis*, a grande embarcação era bonita e elegante, completamente coberta com aço cinzento-escuro, à exceção de algumas partes em madeira e alcatrão. Tudo no barco era uma mistura de tecnologia antiga e dos recursos naturais que conseguiram arranjar. E a verdade é que conseguiam fazê-lo funcionar. O *Mors Navis* levava agora uma tripulação de 53 raparigas, 6 gatos e 1 cabra. Tinham feito do barco uma arma e um lar.

Há quatro anos, isto não era mais do que uma fantasia. Encurralada numa praia sem mais nada além de um golpe na barriga, a sua melhor amiga, e este mesmo barco em destroços, Caledonia mal podia sonhar com o dia em que teria os meios para se levantar e lutar. O momento chegou antes do que podia esperar, na manhã em que Pisces a olhou diretamente nos olhos e disse que queria vingança. Chegou quando deram voltas à cabeça e se dedicaram a recuperar o seu barco. Chegou com uma rapariga de cada vez. Caledonia e Pisces remendaram este barco e a sua tripulação com as peças e pessoas que o mundo parecia não querer.

Quando começou a descer da trave, Caledonia ouviu o barco a remos a descer do seu suporte e a bater na água. Viu-o no instante seguinte a passar pelo barco com cinco raparigas a bordo e Redtooth ao leme, as pontas vermelhas das suas tranças louras visíveis contra o azul brilhante da manhã. A pequena tripulação ia patrulhar algumas milhas à frente do *Mors Navis*, à procura de sarilhos ou oportunidades. Caledonia parou, vendo Redtooth levantar a mão para saudar outro vulto negro sobre a água, antes de se ir embora.

Era Pisces. Às vezes parecia que a rapariga vivia na água desde o ataque ao *Fantasma*. Naquele primeiro e terrível dia na praia, levantara-se antes do nascer do sol e encaminhara-se diretamente para o mar, para afogar as lágrimas. Quando voltou à superfície, os seus soluços deixaram rasgos na manhã silenciosa. Sem se conseguir mexer muito, Caledonia não teve outro remédio senão ficar imóvel enquanto a dor da sua amiga se abatia sobre si. A dor era como uma febre, que Caledonia sentia a queimar o seu próprio sangue. Enquanto Pisces procurava consolo no oceano, Caledonia levantou os olhos para o céu e deixou que as suas lágrimas desaparecessem na areia dura.

Ao longo de quatro anos muito mudara, mas algumas coisas permaneciam iguais. Pisces ia para a água todas as manhãs, tão cedo quanto Caledonia ia para o cordame. Da mesma forma que Caledonia conhecia a superfície do mar e do seu barco, Pisces conhecia o que havia por baixo deles.

A luz do sol brilhou sobre a cabeça lisa e os ombros de Pisces e a rapariga voltou a mergulhar, desaparecendo. Caledonia recordou o momento em que a amiga se aproximara dela com uma lâmina na mão e lágrimas nos olhos.

— Já não o quero — disse.

— Já não queres o quê? — perguntou Caledonia enquanto estendia cautelosamente a mão para a lâmina, já receosa da resposta que a amiga estava prestes a dar.

— O meu cabelo, Cala — disse Pisces em voz baixa. As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto. — Arrasta-se na água. E preciso de ser mais rápida.

Caledonia começou a cortar, parando com frequência para pestanejar as próprias lágrimas enquanto via cair o cabelo da amiga.

Tinha sido o primeiro de muitos sacrifícios. Mas cada um deles as tornara mais fortes e as aproximara mais da batalha que ansiavam travar: vingar as mortes das mães, dos pais, dos irmãos e de todas as famílias a bordo do *Fantasma*. Um dia, iam levar aquela batalha até ao próprio Aric Athair.

— Que tal está a vista esta manhã, Capitã? — perguntou alguém quando Caledonia chegou ao convés.

Lace era sempre das primeiras a cumprimentá-la, não importava quão cedo Caledonia se levantasse.

— Tão brilhante como o teu cabelo — respondeu, virando-se para a rapariga pequena e olhando com agrado para o emaranhado de caracóis louros que eram tão obstinados e bonitos como a rapariga que os usava. — Há novidades? — perguntou, virando-se para caminhar para a ponte.

Embora fosse uma das mais novas na sua tripulação de comando, Lace ganhara a confiança de Caledonia quase assim que entrara a bordo. Era calma e competente, com uma gargalhada tão sombria como a de Rhona. A pele era pálida como a espuma do mar e os caracóis, embora não fossem ruivos, eram desafiadores. Era estranho associar alguém tão jovem com a sua própria mãe, mas Caledonia encontrava um certo conforto na semelhança de espírito entre ambas, e por isso adorou Lace de imediato.

Lace acompanhou o passo da capitã e começou a fazer o seu relatório matutino das atividades do dia. Falou das mudanças na tabela de tarefas, das questões de manutenção e das preocupações com a saúde. Tinha um jeito especial para fazer o relato de situações tristes sem parecer triste, um talento que era extremamente raro. A maior parte

dos assuntos não necessitava da atenção direta de Caledonia, mas o último item da lista de Lace deixava-a sempre mais preocupada.

— E finalmente — começou Lace a dizer.

— E finalmente — repetiu Caledonia com um suspiro.

— Víveres. A Far diz que já só temos feijões e sopa salgada e que consegue fazê-los render cinco dias.

— Há três dias que ela nos consegue arranjar comida para cinco, Lace. A sopa já começa a parecer só água. Tens a certeza de que conseguimos sobreviver durante mais cinco dias?

O sorriso de Lace era tão robusto como o convés por baixo dos seus pés.

— Já sobrevivemos com pior do que sopa aguada, Capitã.

Cinco dias de alimentação mais fraca enfraqueceria também a tripulação. Caledonia sentiu a pontada no seu estômago ampliada 52 vezes. Ao seu lado, Lace estava invulgarmente silenciosa.

— Há mais alguma coisa?

À volta delas, o convés fervilhava de atividade. As cordas para secar a roupa estavam a ser esticadas e preenchidas, as 5 irmãs Mary estavam a olear os cúteres dos cabos e os ganchos sob a balaustrada, e Amina e as 11 raparigas que compunham a sua extraordinária equipa de Nós rastejavam pelo cordame para polir as escamas da vela solar.

O sorriso de Lace desapareceu quando anunciou:

— Perdemos a *Boca Metálica*.

— Raios partam. — Caledonia parou de caminhar e levou as mãos às ancas.

— A Far acha que ela deve ter comido alguma parte podre. Deve ter sido mesmo muito mau para a matar.

Disso não restavam dúvidas. As cabras eram geralmente animais bastante resistentes, mas a *Boca Metálica* recebera este nome porque se a deixassem até o casco inteiro do barco comia. O facto de não terem uma cabra significava que não teriam leite. Ainda menos alimento para todas. Encontrar uma substituta não ia ser fácil.

— A boa notícia? — disse Lace com o sorriso a reaparecer. — Vamos ter carne para o jantar.

— As mais novas comem primeiro — disse Caledonia calmamente. Na sua cabeça, já estava a calcular a distância entre a localização

atual e as águas familiares de Boca de Osso. Se mudassem de rota agora, conseguiam chegar lá antes que se acabasse todo o fornecimento de feijão. Com sorte, ainda conseguiam arranjar comida na ilha e lançar as linhas em busca de peixe. — Reúne a tripulação de comando. Vamos mudar de rota.

Antes de Lace ter tempo para obedecer, um assobio rasgou o ar. Foi seguido por um grito de Amina, que estava lá em cima no cordame.

— Barco a remos a aproximar-se!

— Foi rápido — matutou Lace, colocando uma mão sobre os olhos para olhar para o mar.

O barco vinha em linha reta sobre a água, avançando com uma urgência evidente. Isto queria dizer que estava na altura de fazer uma de duas coisas: fugir ou lutar.

As irmãs Mary mobilizaram imediatamente a tripulação do convés, preparando os ganchos que prenderiam o barco e o elevariam para o suporte. Esta manobra nem sempre era fácil para uma tripulação tão nova, mas prenderam o barco à primeira tentativa e elevaram-no suavemente da água.

Redtooth saltou sobre a balaustrada num instante. Enquanto se dirigia a Caledonia, os seus olhos azuis arregalaram-se, tão tensos como os braços permanentemente queimados.

— Capitã — disse, segurando um dos ombros de Caledonia. — Encontrámos sarilhos.

Caledonia conseguia ver o futuro na expressão ansiosa de Redtooth. Sarilho era código para luta. A avaliar pelo sorriso que a rapariga não conseguia esconder, aquela não seria uma luta qualquer. Seria uma oportunidade de prejudicar Aric Athair, e era impossível virar as costas a uma chance dessas.

— Dá para comer? — perguntou Caledonia.

Os lábios de Redtooth esticaram-se num sorriso diabólico.

— Claro — respondeu. — Somos a tripulação do *Mors Navis*. Comemos Balas ao pequeno-almoço.

CAPÍTULO 2



A barcaça era um alvo fantástico. Flutuava sobre o vítreo mar azul, coberta de flores cor de laranja viradas para o sol. Sob a direção de Redtooth, tinham encontrado o barco com as flores de feno poucos instantes antes. O convés comprido e plano ia cheio de flores maduras prontas para serem arrancadas e processadas, e eventualmente desidratadas e transformadas em Sedimento. Aquele barco ia juntar-se aos outros da AgriFrota de Aric que transportavam as colheitas. Ele dependia destas flores e da droga que elas produziam para forçar a lealdade dos seus Balas. Necessitavam de consumir Sedimento quase tanto quanto ansiavam pela aprovação de Aric.

Ele ia dar pela falta daquela barcaça, disso não restavam dúvidas.

O dia estava límpido, o ar transportava o cheiro distante e demasiado adocicado das flores venenosas, o mar ondulava agradavelmente.

Caledonia baixou os binóculos e virou-se para as cinco raparigas que compunham a sua tripulação de comando: Pisces, Amina, Redtooth, Lace e Little Lovely Hime. Pisces era a sua imediata, enquanto cada uma das restantes quatro comandava pequenas tripulações de uma dúzia de raparigas que tratavam respetivamente da tecnologia do barco, do treino, da navegação e dos serviços médicos.

Só Pisces estava com Caledonia desde o tempo do primeiro assalto à frota de droga de Aric, mas todas elas enfrentaram obstáculos duros. Little Lovely Hime já não escondia as mãos nos bolsos do avental, Amina observava o horizonte tanto quanto costumava observar o céu, Lace sorria com mais determinação do que alegria, as pontas das tranças louras de Redtooth estavam permanentemente pintadas com argila vermelha para simbolizar que se encontrava pronta para lutar, e Pisces passava tanto tempo a treinar no mar que os seus ombros tinham uma camada permanente de sal fino sobre a pele. Eram os pilares de Caledonia: umas pequenas, outras grandes, todas poderosas à sua maneira.

Do ponto em que se encontravam no convés de comando tinham uma visão desimpedida da barça e da tripulação no convés inferior.

Caledonia cruzou o olhar firme de Amina. Como resposta, Amina ergueu a mão castanha no ar como se fosse uma vela, com a palma curvada.

— Há um vento matador a vir de oeste e os espíritos estão esfo-meados — disse. — Eles quererão sangue, não importa de quem.

Na verdade, importava bastante, mas Caledonia não estava com disposição para discutir com os espíritos de Amina. Em vez disso, perguntou:

— Que carga temos?

— Oitenta por cento. Estamos a carregar mais devagar desde que a nossa vela solar se rasgou na semana passada. — A voz de Amina transmitiu alguma amargura recente quando se referiu ao último encontro que tiveram. Virou-se pensativamente para a popa do barco. — Estou a pensar numa solução.

Como muitos barcos recuperados, o *Mors Navis* era impulsionado por jatos alimentados a energia solar. Ao contrário da maior parte dos barcos, tinha também um sistema de mastros retráteis com velas feitas de retalhos de tecido armazenadas por baixo do convés. A tripulação podia erguer rapidamente os mastros e transformar o barco numa embarcação impulsionada pelo vento.

— Hime — disse Caledonia, virando-se para a pequena rapariga. Os seus olhos eram absolutamente escuros e a pele tinha o suave tom bege de uma concha. O cabelo preto comprido estava entrançado de

forma a esconder a orelha cortada, com a ponta atada por uma simples fita azul. As mãos estavam calmamente dobradas à sua frente, e um avental comprido ondulava por cima das calças e botas. — Tens de ir lá para baixo.

Quero lutar, disse Hime, com as mãos a movimentarem-se com destreza.

Redtooth soltou um grunhido de reprovação.

— Essa não é uma atitude muito inteligente, princesinha. — Esfregou inconscientemente uma pequena cicatriz que tinha na palma da mão.

O rosto de Hime ruboresceu de fúria ou irritação. Caledonia não queria saber qual dos sentimentos imperava, queria apenas que Hime saísse do convés antes da luta iminente. Todos os tripulantes da frota de Aric recebiam doses de Sedimento. Até as Foices, cuja tarefa principal era cuidar das barcaças. E embora Hime já não consumisse há quase um ano, o vício tinha garras longas.

Amina pousou a mão com suavidade no ombro de Hime, comunicando tanto com um simples toque.

Hime ergueu os olhos para a barcaça de flores de feno que se aproximava no horizonte e a seguir desviou os olhos, assentindo com a cabeça.

Quando se via um barco sobre o mar azul, era provável que à sua espera estivessem cem armadilhas que ainda não conseguiam ver. As barcaças de flores nunca navegavam desacompanhadas. Viriam pelo menos dois barcos Bala a bater o caminho em busca de sinais de ataque, preparados para recuar e proteger a sua preciosa carga ao primeiro sinal enviado pela barcaça. Esta batalha seria difícil para o *Mors Navis*, mas a única forma de acabar com o reinado de Aric era enfraquecendo o poder que detinha sobre os seus Balas. Isto requeria sacrifício — munições, energia, sangue. Caledonia não tinha medo do sacrifício, mas preferia certificar-se de que o de Aric seria maior.

Virou-se, olhando para a tripulação no convés. Caledonia exigia que cada rapariga que estivesse a bordo conhecesse as suas próprias capacidades e as colocasse em prática. Algumas, como Far, atralhariam mais do que ajudariam numa batalha, mas mesmo com umas quantas resguardadas abaixo do convés inferior, o exército do *Mors*

Navis era de 49 raparigas fortes. Mantiveram-se atentas, de olhos postos na capitã. Já tinham visto a barça e estavam a postos, com as suas armas e facas nas mãos, os rostos determinados e ansiosos. Sabiam exatamente o que tinham pela frente. Levantando a mão, Caledonia gritou:

— O único Bala bom...

— É um Bala morto! — clamaram as raparigas em uníssonos.

— A toda a velocidade! — Os jatos ao longo do duro casco do *Mors Navis* começaram a movimentar água pelo seu sistema. Uma nuvem de água agitada ergueu-se atrás deles, e o barco impulsionou-se para a frente.

A velocidade foi recebida com um foguete lançado pela barça, exatamente como Caledonia previra. Explodiu no ar como uma enorme flor lilás, depois estalou e sibilou até se esfumar por completo. A contagem decrescente até ao aparecimento dos barcos Bala começara.

— Tu — Caledonia apontou um dedo a *Lovely Hime* —, lá para baixo, e não voltes a subir.

Hime assentiu, e com um último olhar de relance para *Amina*, desceu as escadas.

Redtooth pegou numa pequena lata cinzenta, de um bolso junto à parte de baixo da perna, e sorriu amplamente enquanto mergulhava os dedos no interior da lata. Arrastou uma argila vermelha sobre os lábios, transformando-os numa fenda ensanguentada. Depois, com um salto da ponte para o convés, começou a organizar os grupos de assalto.

Amina já estava a meio caminho do convés, a gritar para a sua tripulação de Nós, para erguerem o mastro e subirem para o cordame. Assim que os mastros estavam nos seus lugares, as raparigas começaram a trepar, com as espingardas presas às costas. Encontraram posições no meio das velas enroladas e prenderam-se aos arneses, prontas para destruir a artilharia que se aproximasse.

A tripulação entrou no ritmo. *Tin*, a mais velha das cinco irmãs *Mary*, gritou uma lista de ordens para a tripulação do convés, até cada uma das 20 raparigas ter uma arma na mão.

— Eu controlo a ponte, Capitã — anunciou *Lace*, agitando os caracóis queimados pelo sol enquanto se virava para assumir a sua posição

na ponte. Era um ponto de luz por entre a tripulação, uma refulgente pedra citrina, plena de calor e brilho. Tudo nela incitava à alegria, desde o sorriso sempre pronto até à renda puída que costumava enrolar nas mãos quando chegava a hora de lutar. Era a Rapariga do Leme e comandava a pequena tripulação da ponte na ausência de Caledonia. Era a única pessoa a bordo a quem ela confiava este papel.

— A ponte é tua, Lace — confirmou Caledonia, deixando o abrigo da sua ponte e atravessando o estreito convés de comando até chegar à proa do seu barco, de onde a barça a podia ver com clareza. Ficou de pé com as mãos nas ancas, olhos fixos no alvo, cabelo ruivo a ondular atrás de si como uma tempestade mortífera, como a mãe fizera sempre que o perigo se aproximava. Deixando-os ver que não tinha medo.

Pisces apareceu junto ao cotovelo de Caledonia.

— Cabos com minas — disse, enquanto arrastava um berloque para trás e para a frente no fio que usava ao pescoço.

Caledonia assentiu com a cabeça. Era bastante provável que existisse uma rede completa de minas subaquáticas presas aos cabos dispostos no perímetro em torno da barça. Era preciso desarmá-las ou fazê-las explodir antes que o *Mors Navis* enviasse os grupos de assalto para destruir a colheita de flores. Mas para isso tinham de as localizar primeiro.

Estavam a aproximar-se da barça. Através dos binóculos via vultos minúsculos a apressarem-se a prender as flores.

— Consegues fazê-lo? — perguntou Caledonia ao virar-se para a amiga, desejando ao mesmo tempo que a resposta fosse sim e não.

— Sim, consigo. — Pisces largou o berloque. Sentindo, aparentemente, a indecisão momentânea da amiga, Pisces pousou as pontas dos dedos na flecha que marcava a têtora de Caledonia.

Como resposta, Caledonia levou os dedos à tatuagem na têtora de Pi. Preta e com os contornos a começarem a desvanecer-se, era um círculo simples com duas linhas retas verticais puxadas para um dos lados. Para Caledonia e Pisces, aquelas marcas tornaram-se nos altares vivos dos seus irmãos assassinados, um símbolo das famílias que vingavam a cada batalha.

As raparigas deixaram-se ficar assim até que Pisces partiu como uma rajada de vento, mergulhando até onde o seu equipamento

submerso a aguardava. Enquanto Pisces se preparava, Caledonia imaginou o seu próprio coração tão plano como o oceano. O carinho era o que as distinguia de pessoas como Aric, mas em alturas como esta, era apenas uma distração. Caledonia concentrou-se apenas na luta que se aproximava.

— Balas! — O grito veio do cimo do cordame.

Onde há instantes havia apenas água e a luz brumosa do sol, agora viam-se três pontos negros, que em breve cresceriam até tomarem a forma de barcos. Aproximavam-se a estibordo para socorrerem a barça.

— Desçam o mergulhão para a água! — gritou Caledonia.

O mergulhão, que tinha a forma de uma gigantesca bala, era um instrumento de propulsão manual capaz de mover uma pessoa de baixo de água. Equipado com um pulmão azul que reciclava o ar, permitia que a pessoa ficasse submersa durante horas. Essa pessoa era sempre Pisces.

Ela ia submergir e navegar em direção à barreira de minas, depois acioná-las a uma distância de segurança com a arma de pulsar. Era o pior trabalho em todo o barco, mas Pisces não dava mostras de outra coisa que não dos seus nervos de aço enquanto colocava a máscara, fixava o fato blindado flexível, e verificava o estado do pulmão azul.

— Mantém a distância de segurança, Pi. E volta para nós.

Com o mergulhão pronto na água, Pisces saltou para o seu interior. E depois desapareceu.

— Duas milhas para termos alcance! — gritou Amina do seu posto, com os olhos fixos nos barcos Bala que se aproximavam. Estavam a quatro milhas náuticas de distância, mas menos duas e estariam suficientemente perto para abrir fogo e atingir o *Mors Navis*.

À velocidade a que avançavam, isso queria dizer que tinham minutos. E a tripulação precisava de cada um.

À ordem de Caledonia, o *Mors Navis* abrandou, parando a um quarto de milha da barça. A tripulação atarefava-se a prender as armaduras sobre os ombros e as coxas, a verificar os fechos e a observar os barcos inimigos, que se revelavam agora por completo: um barco de assalto, um abalroador e um barco de artilharia. O barco de assalto seria rápido e devia estar bem armado, o abalroador era

concebido para embater nos inimigos com um impacto devastador, mas o barco de artilharia era o que mais preocupava Caledonia. Viria armado com um sistema de arpões magnetizados. Se atingissem o casco do *Mors Navis*, seriam capazes de o imobilizar enquanto os outros dois barcos atacavam à vontade.

Uma explosão saiu disparada da água em volta da barça. Pisces encontrara o seu primeiro alvo e abrira um buraco no perímetro de cabos de minas. Agora esperavam pelo segundo. Para ver até onde se estendiam as minas, e se Pisces sobrevivera à onda de choque. No convés da barça, as Foices apontaram as suas espingardas à água e começaram a disparar sobre Pisces.

Foram minutos tortuosos. Caledonia inspirou lentamente, passando revista à sua tripulação. Amina estava no cordame com o resto das suas Nós, murmurando uma oração para o céu. Redtooth agachava-se com a tripulação que selecionara num dos dois barcos a remos que se balançavam a meio do casco, a estibordo.

Uma segunda explosão surgiu a três metros da primeira. Pisces estava viva e acabara de lhes conseguir um ponto de entrada.

A barça seria delas.

No mar alto, em quem confias?

Nas tuas irmãs.

Depois de as famílias de Caledonia e Pisces serem brutalmente assassinadas, as duas raparigas fazem um pacto de sangue. Juntas, perseguirão Aric Althair, senhor da guerra e responsável por estas mortes, até conseguirem a vingança.

Quando o teu navio fraqueja, em quem confias?

Nas tuas irmãs.

Corajosas e determinadas, Caledonia e Pisces constroem e equipam o seu próprio navio, o *Mors Navis*, tripulado apenas por raparigas. Caledonia comanda estas irmãs dedicadas à mesma causa. Juntas percorrem os mares com um só objetivo: acabar de vez com a violência e maldade de Althair e da sua frota de mercenários.

No meio de fogo cerrado, em quem confias?

Nas tuas irmãs.

Mas, durante um confronto, quando um dos homens de Althair salva a vida de Pisces, é revelado um segredo inesperado. O rapaz garante que o irmão de Caledonia está vivo e afirma conhecer o seu paradeiro. Será um truque? Será verdade? Estará Caledonia disposta a descobrir?

Em quem confias?



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-67-6



9 789898 917676

Literatura Fantástica